

LITERATURA DE VIAGEM – IMAGINAÇÃO E NATUREZA DOS ANTIGOS E MODERNOS.

Aluna: Nathália Fernandes Soares
Orientadora: Flávia Maria Schlee Eyler

Introdução

Neste relatório, temos por objetivo mostrar os caminhos percorridos por nossa pesquisa acerca da “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto. Procuraremos estabelecer uma discussão sobre história e literatura, verdade e ficcionalidade, imprescindível para a discussão teórica da obra de Fernão Mendes Pinto que, toda vez que é retomada, nos deixa com a impressão de que apenas estamos reinventando tudo que já foi dito. A sociologia da literatura desde há muitos anos circunscrevia o texto ficcional no seu tempo, compondo o quadro histórico no qual o autor vivera e escrevera sua obra. A história, por seu lado, enriquecia por vezes seu campo de análise com uma dimensão “cultural”, na qual a narrativa literária era ilustrativa de sua época. A literatura cumpria face à história um papel de descontração, de leveza, de evasão.

Objetivos

Essas questões, hoje em dia foram ultrapassadas não por se considerar erradas nem por não terem valor, mas sim pelo desgaste do nosso tempo pela chamada “crise dos paradigmas” que questiona as verdades e os modelos que explicam o real. O estilhaçamento da realidade, a complexificação do mundo real choca-se com a necessidade de se encontrar novas formas para se atingir esse real e compreendê-lo. Referimo-nos, aqui, aos estudos sobre o imaginário, que abriram uma janela para a recuperação das formas de ver, sentir e expressar o real dos tempos passados.

Metodologia

O imaginário é o sistema de apreensão de idéias capaz de suportar duas formas de compreensão do mundo : a racional e a conceitual. O imaginário é um conceito amplo que encontra a sua base na idéia de representação e é aqui que podemos perceber as fronteiras entre Literatura e História, já que o imaginário é um sistema de representação de mundo que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, ao mesmo tempo, tem nesse mundo o seu referente.

O imaginário permite uma representação social da realidade e uma perspectiva nova sobre a mesma. A concepção do mundo tal qual o percebemos e avaliamos, acontece através de construções que lidam de maneiras diversas com o imaginário. Podemos dizer, assim, que os imaginários são construções sociais, logo, históricas e também datadas, que guardam as suas especificidades assumindo configurações e sentidos diferentes que se dão ao longo do tempo e do espaço.

História e Literatura são correspondentes de narrativas explicativas do real, que claro, se renovam no tempo e também no espaço mas que possuem um traço de permanência que são os homens que expressam pela linguagem o mundo do visto e não do visto.

O diálogo que nós nos propomos a discutir entre história e literatura passa pelos caminhos do imaginário. A dualidade entre realidade e ficção ou a suposta oposição entre real ou não real precisa ser relativizada, colocadas em relações de aproximação e distanciamento.

Conclusão

Assim, literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Podemos dizer que ambas, como narrativas, servem para explicar a realidade a partir do momento que se referam à vida. A literatura é um discurso privilegiado de acesso ao

imaginário de outras épocas. Segundo Aristóteles, ela é o discurso sobre o que poderia ter acontecido, ficando a história como a narrativa dos fatos verídicos [1]. Mas o que vemos hoje, nesta nossa contemporaneidade, são historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem não só o uso da literatura como acesso privilegiado ao passado — logo, tomando o *não-acontecido* para recuperar o que aconteceu! — como colocam em pauta a discussão do próprio caráter da história como uma forma de literatura, ou seja, como narrativa portadora de ficção.

Mas, ao nos apropriarmos dessa faceta, da literatura como algo que *poderia ter acontecido* podemos experimentar uma complicação que atormenta a maioria dos historiadores: como um relato do que poderia ter acontecido pode servir de marca de historicidade para algo que aconteceu? A sintonia fina de uma época, fornecendo uma leitura do presente da escrita, pode ser encontrada em um Machado de Assis, por exemplo, sem que nos preocupemos com o fato de Capitu, ter existido ou não. Existiu enquanto possibilidade, foi na verdade do simbólico que as relações sociais puderam se estabelecer e não no acontecer da vida dita real. Porém, dizemos que é possuidor de realidade, visto que demonstra ora defeitos, ora virtudes provenientes dos seres humanos. Enfim, houve sim um Machado de Assis e com isso estamos ressaltando a existência imprescindível dos narradores de uma trama, que mediatizam o mundo do texto e o do leitor. E não esqueçamos, que os fatos narrados na trama literária, existiram de fato para a voz narrativa.

No que tange ao processo histórico, nele temos também um narrador, o historiador, que tem tarefas narrativas a cumprir: ao reunir os dados para sua pesquisa historiográfica, ao selecioná-los ele possibilita a construção de uma trama em que é o autor e que tem por objetivo convencer o leitor procurando apresentar-lhe uma visão mais próxima o possível do real já acontecido no passado. O historiador ‘descobre’ os fatos e não os cria. Ele os tira da escuridão não tendo certeza absoluta se conseguirá chegar lá. O historiador, atinge pois a verossimilhança e não a veracidade, sendo o verossímil algo que aparenta a verdade. É o que poderia ter sido, podendo ser tomado como tal ou não. Logo, podemos dizer que as versões do acontecido são um *poderia ter sido*, uma possibilidade de acontecimento em um tempo em que ele não estava presente. Nesta medida, a narrativa histórica mobiliza os recursos da imaginação, dando a ver e ler uma realidade passada que só pode chegar até o leitor pelo esforço do pensamento. Segundo Paul Veyne, a história é um romance verdadeiro: verdadeiro porque aconteceu, mas romance porque cabe ao historiador explicar o *como*. A história é sempre construção de uma experiência, que reconstrói uma temporalidade e a transpõe em narrativa.

A literatura é, pois, uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. Ela é responsável por nos oferecer as imagens sensíveis do mundo. Com a literatura, nos colocamos diante do ‘efeito de real’ fornecido pelo seu texto. O mundo da ficção literária dá aos historiadores sensibilidades e formas de ver a realidade de um outro tempo, daquilo que *poderia ter acontecido* no passado. A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada.

A literatura é fonte de si mesma. A literatura registra a vida, sendo sobretudo impressão da vida. Ela captura impressão da vida presente no passado. A poesia- ou literatura – constitui uma realidade que é verdadeira para todos os efeitos, mas não no sentido literal. Ou seja, mesmo a literatura que reinstala o tempo de um passado remoto ou aquela que projeta ficionalmente a narrativa para o futuro, são testemunhos do seu tempo.

Referências

1- ARISTÓTELES. Poética. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

